

Blog “Sonhos de Luciana”: um ensaio sobre o público e o privado no ciberespaço¹

Issaaf Karhawi²

Resumo: O presente artigo discute a noção de esfera pública (Castells, 2008) a partir da relação público-privado estabelecida entre os telespectadores da telenovela *Viver a Vida* (Globo, 2010) e o blog da personagem Luciana. Observa-se que o blog agenda questões de cunho social, devido à tetraplegia sofrida pela protagonista na trama, mas não por um viés político, mas sim emocional. Há um discurso de envolvimento baseado em amizade e exposição. Dessa forma, questiona-se o que é entendido por privado e público em espaços digitais como os dos blogs de personagem.

Palavras-chave: telenovela; público e privado, blog de personagem.

Introdução

A maior inquietação do presente artigo é pensar a relação entre o público e o privado na era digital. Mais especificamente, como ponto de partida para nossa discussão, elegemos o blog *Sonhos de Luciana* da personagem Luciana da telenovela *Viver a Vida* exibida pela Globo entre 2009 e 2010, para questionarmos a relação estabelecida no ciberespaço entre a audiência da ficção televisiva e esse espaço social.

A escolha pelo blog *Sonhos de Luciana* em detrimento de outros exemplos passíveis de mesma discussão está sustentada na condição física da personagem: portadora de tetraplegia e cadeirante. Os comentários da audiência no blog de Luciana permitem uma reflexão sobre a privacidade no mundo contemporâneo e digital. Mesmo ancorada em uma discussão tabu – deficiência física – Luciana conquista empatia dos internautas/espectadores que, em tom confessional, compartilham com a personagem de ficção televisiva suas angústias e experiências sobre o assunto. Assim, pretendemos, com este artigo, fazer um ensaio teórico acerca dos limites entre ficção e realidade, público e privado.

Tempos de Complexidade e Convergência Midiática

¹ Artigo apresentado no Eixo 5 – Entretenimento Digital do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA – USP). Foi pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN-ECA-USP) entre 2011 e 2013.

Pensar a atualidade exige mais que uma ciência determinada e fechada em si, mas uma ciência da complexidade. Isso porque a sociedade atual – e em rede – é marcada por equilíbrio e desequilíbrio, ordem e caos, hierarquias e processos descentralizados, dicotomias múltiplas em transformação quase contínua. Dennis (2007) aponta que enxergar o mundo sob o ponto de vista da complexidade é compreendê-lo não como um amontoado de sequências, relações lineares entre as coisas, mas “(...) sobretudo como uma rede pluralista de relações amparadas em comportamentos dinâmicos, criativos e complexos que combinam um conjunto simples de regras ainda não-determinadas” (2007, p.140)³. Talvez não estejamos falando em leis ou regras quando nos referimos, especificamente, aos blogs, mas, claramente, em comportamentos dinâmicos, criativos e complexos. Dinâmicos no sentido de um blog ter como pressuposto a informalidade, a naturalidade, a escrita pessoal e, em resposta, comentários e interlocuções igualmente dinâmicos. Comportamentos criativos, em nosso contexto em especial, se referem à relação essencial do blog de um personagem fictício com sua trama matriz, a telenovela, um produto de criação autoral. Por fim, quando Dennis se refere a comportamentos complexos, além de pensarmos nas interações estabelecidas no ciberespaço, atentamo-nos à interação da audiência com um personagem fictício.

Dennis, em consonância com Urry⁴, avança sobre as questões da complexidade afirmando que presenciamos um “smooth world; desterritorializado, descentralizado, sem um centro de poder e sem fronteiras de separação” (2007, p.141). Mais adiante, o autor segue com as colocações de Urry que afirma que tudo, na era da complexidade, é movimento, fluxos de informação, de pessoas, de bens, de capital, todos passíveis de análise sob a perspectiva das ciências complexas. Ainda, poderíamos acrescentar à lista de fluxos as narrativas, aceitando-as como parte desse *smooth world*. Para tal, recorreremos à teoria de Jenkins (2008) sobre a transmidiação, ou mais especificamente a narrativa transmidiática, ou *transmedia storytelling*.

O conceito de transmidiação é fundamental na compreensão do atual processo de consumo da ficção televisiva nacional, pois, desde 2008 a TV Globo tem trabalhado

3 As citações dos autores Dennis (2007), Bourdieu (1989) e Castells (2008) são de tradução livre da autora.

4 Urry, J. (2005) 'The Complexities of the Global', *Theory, Culture & Society* 22(5): 235-54.

com estratégias de transmídiação específicas para os seus produtos de ficção⁵. Esse movimento é esperado e quase natural se considerarmos os produtos ficcionais de países como os EUA. De acordo com Jenkins (2008), a transmídiação é um processo de colaboração de diversas mídias com um sistema narrativo específico, o que desencadeia na produção de narrativas transmidiáticas. A transmídiação é facilitada pela mobilidade, portabilidade e interatividade das novas mídias que com essa ação propagativa potencializam a produção de sentidos. As narrativas criadas no processo de transmídiação, referem-se não à cópias do produto televisivo, mas a um texto independente e complementar ao original. Assim temos:

(...) uma história (...) que se desdobra através de múltiplas plataformas de mídia, cada qual com um novo texto, fazendo uma colaboração distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor, a fim de que uma história possa ser introduzida em um filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. (JENKINS, 2008, p. 135).

A partir da concepção de *smooth world* de Urry chegamos à transmídiação como exemplo de fluxos, de desterritorialização e descentramento. Uma narrativa antes de posse exclusiva da televisão, agora transborda por diferentes mídias e diferentes plataformas. Esse fenômeno não é completamente novo, visto que a televisão brasileira trabalha com esse tipo de migração desde seus primórdios, no entanto, o ciberespaço surge para potencializar e acelerar esses processos antes restritos às mídias tradicionais. E mais que isso, hoje não lidamos com meras adaptações (do folhetim para os rádios, da televisão para o cinema etc), mas com a expansão de um relato. É como se as narrativas transmidiáticas fossem um processo centrífugo, explica Scolari, “(...) a partir de um texto inicial se produz uma espécie de *big bang* narrativo de onde vão se gerando novos textos até chegar aos conteúdos produzidos pelos usuários” (2011, p.130).

Com o advento do ciberespaço e das tecnologias de comunicação, vivenciamos novas capacidades de movimento e de deslocamento. Nesse sentido, as noções de

5 O primeiro projeto de transmídia da Globo foi colocado em prática em 2008 com a soap opera *Malhação*. A partir de então, os planos de transmídia fazem parte dos projetos das ficções televisivas e são coordenados pelo Grupo de Transmídia da Globo, parte do setor de Desenvolvimento de formatos da Central Globo de Produções (Dados obtidos em palestra proferida por Alex Medeiros, gerente de desenvolvimento de formatos da Central Globo de Produções, no III Encontro OBITEL nacional de pesquisadores de ficção televisiva no Brasil realizado em São Paulo em novembro de 2011).

mobilidade são amparo para pensar o caráter fluido da narrativa e o acompanhamento dessa narrativa, que, em outros momentos, não seria possível. Para Lemos (2009, p.28),

A mobilidade, em sua dimensão física (transporte de pessoas, objetos, commodities) e informacional (sistemas de comunicação), cria uma dinâmica tensa entre o espaço privado (a fixação) e o público (a passagem, a efemeridade), entre o próximo e o distante, entre curiosidade e apatia (Simmel, 1988). É nesse movimento que se produz a política, a cultura, a sociabilidade, a subjetividade.

O exposto por Lemos reitera aquilo que Dennis (2007) lista como as dicotomias de nosso tempo complexo: o público e o privado, o próximo e o distante, a curiosidade e a apatia que resultam em relações complexas e compõem isso que nomeamos de *smooth world*. A particularidade dessas antíteses sustenta o fluxo da narrativa transmidiática que não é apenas produzida por um polo de emissão de mensagens, mas pelo processo posterior – pela socialização dessa narrativa – reforçada pela mobilidade das mídias.

Assim, os usuários são peça fundamental no processo de transmidiação. É para os usuários que o polo da produção trabalha em processos de transmidiação e, mais que isso, são os usuários que sustentam a vitalidade da narrativa, especialmente no ciberespaço. Esse tipo de proatividade do telespectador/internauta é reconhecida no blog *Sonhos de Luciana*. Proatividade apenas possível devido às tecnologias de comunicação. Interagir com um personagem de ficção – além da interação já prevista pelos estudiosos da linguagem e semiótica – só é pensável em virtude das “tecnologias de comunicação que estão reconfigurando as relações de conectividade, comunicação e tempo” (DENNIS, 2007, p.141).

As reconfigurações de tempo também estão na gênese dos produtos transmidiáticos de ficções televisivas. O tempo da telenovela no Brasil é marcado como um espaço de socialização entre os pares mais próximos, como a família, representando um momento de encontro no dia. Com o espraiamento da narrativa televisiva pelo ciberespaço o tempo se relativiza. Não há apenas um único horário dedicado à assistência da telenovela, mas múltiplos horários, determinados pelo próprio usuário. Sobre essa constatação, na linha de Dennis, temos que “a mudança tecnológica está alterando fundamentalmente como uma pessoa se localiza no tempo, espaço e meio ambiente. (...) Os avanços na computação tiraram as relações sociais de um lugar fixo” (2007, p.146). E essas relações distantes de um local fixo são as relações dadas no

ciberspaço entre três interlocutores principais: o telespectador/internauta, a narrativa transmidiática da telenovela e a personagem Luciana.

Sobre Luciana e seus Sonhos

Lopes (2009) classifica o papel da telenovela segundo dois aspectos: a telenovela como “narrativa da nação” e como “recurso comunicativo”. Entender a telenovela como recurso comunicativo é reconhecer sua capacidade de comunicar representações culturais que atuam para inclusão social, responsabilidade ambiental, construção da cidadania. Os dispositivos naturalistas da telenovela, próprios do seu caráter verossímilante ao lado da matriz melodramática do formato, possibilitam a ocorrência do merchandising social que, ainda de acordo com Lopes (2009, p.38), “(...) pode ser definido como um recurso comunicativo que consiste na veiculação em tramas e nos enredos das produções de teledramaturgia de mensagens socioeducativas explícitas”.

A telenovela *Viver a Vida* exibida entre 14 de setembro de 2009 e 14 de maio de 2010, às 21h, pela Globo, com autoria de Manoel Carlos e direção de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti, destacou-se pela função educativa que desenvolveu ao longo de sua exibição com a inserção de ações de merchandising social na trama. Em *Viver a Vida*, a personagem Luciana, interpretada por Alinne Moraes, fica tetraplégica após um acidente e passa a viver em uma cadeira de rodas. A superação da personagem cadeirante norteou a trama e conquistou lugar no ciberspaço: o blog *Sonhos de Luciana*⁶.

O blog da personagem Luciana não foi idealizado junto com a telenovela, mas criado em fevereiro de 2010, cinco meses após o início da trama. A página reservada para o blog em nada se diferencia de um blog convencional. As páginas abrigam dez posts, totalizando 85 postagens da personagem. Na descrição “Sobre o blog”, o caráter da página virtual é anunciado: “Informamos que este blog é fictício, extensão da trama da novela *Viver a Vida*, da qual a personagem Luciana faz parte”. Nos 85 posts do blog os conteúdos divulgados pela personagem variam entre relatos pessoais de seu dia-a-dia, por vezes confidências em relação aos episódios da telenovela e, ainda, postagens com letras de músicas, poesias ou entrevistas com os médicos da trama. As postagens de

6 Disponível em: <<http://viveravida.globo.com/platb/sonhos-de-luciana/>> Acesso em 07 dez. 2011.

Sonhos de Luciana geram um grande número de comentários; o post mais comentado reuniu 436 respostas de fãs e a postagem com menos comentários somou 55. Uma particularidade do espaço virtual da personagem é, também, a periodicidade de postagens. Por se tratar de um produto relacionado a uma telenovela, as publicações de Luciana são igualmente diárias, com lacunas de no máximo dois dias entre um post e outro. Esse tipo de atualização aproxima ainda mais o estilo do blog de um diário virtual de uma pessoa real⁷.

Outras ficções da Globo já haviam incorporado aos seus sites oficiais blogs de personagens. A primeira notícia de blog de personagens é da série *Sob Nova Direção* que em 2007, como apontam Médola e Redondo (2009, p.158), adotou o diário virtual das personagens Piti e Belinha, protagonistas da trama. A implantação dos blogs de personagens especificamente nas telenovelas data do ano de 2009, com o blog do Indra, personagem de *Caminho das Índias*⁸, que representou um “(...) bom exemplo de criatividade que, para além da relação entre as duas mídias, permit[iu] também o trânsito entre a ficção e o cotidiano do telespectador-usuário” (LOPES et al., 2009, p.415). Hoje, o uso do blog de personagem como estratégia transmidiática é bastante frequente nas ficções televisivas da Globo o que salienta uma atenção especial dada pela produção das tramas à expansão da narrativa televisiva para o ciberespaço. Esses exemplos configuram fenômenos que findam na criação de novos espaços de comunicação e socialização.

Nesse sentido, os blogs de personagem se constituem como espaço social, uma vez que implicam na agregação de pessoas em um mesmo espaço com afinidades em comum. Bourdieu coloca que esse espaço “(...) é construído de determinada maneira que quanto mais próximo os agentes, grupos ou instituições situados em dado espaço, mais características em comum eles têm: e quanto mais distante, menos” (BOURDIEU, 1989, p.16). Em um blog de personagem grupos são construídos em volta de uma afinidade em comum - a telenovela – e em um espaço comum - o blog.

Bourdieu (1989, p.16) aponta que a constatação estruturalista de que o real é constituído e determinado pelas relações e não por substâncias é essencial para compreendermos nosso mundo e nossos espaços. Transpondo a concepção estruturalista

7 No III Encontro OBITEL 2011, Alex Medeiros explicou que o responsável pela atualização do blog *Sonhos de Luciana* era um produtor da equipe de Transmídia da Globo e não o autor da telenovela ou a própria atriz.

8 Telenovela exibida de 19 de janeiro de 2009 a 11 de setembro de 2009 às 21h.

para a era digital, reiteramos a teoria de Lévy sobre o ciberespaço como espaço de trocas, o que de antemão determina nosso objeto de análise – o blog – como um local que contempla as relações interpessoais. Por ser o ciberespaço um espaço simbólico (Lévy, 2001), conseqüentemente de trocas simbólicas, as práticas sociais de agrupamento nele estabelecidas resultam em novos ambientes de sociabilidade, enunciação e autoria. Sendo assim, o espaço do blog, apesar de não ser um local físico de encontro, constitui-se como espaço de trocas e debates, podendo ser considerado um espaço social de acordo com os pressupostos de Bourdieu.

Lemos reforça nossas constatações ao elucidar questões sobre mobilidade. A noção do espaço muda não apenas pela existência do ciberespaço, mas por todas as outras tecnologias móveis envolvidas na consolidação da ciberultura. Assim,

no que se refere às mobilidades “globalizada” e “virtualizada”, a possibilidade de movimentação pelas informações – seja através dos mass media (TV, rádio, impresso) ou das novas mídias de função pós-massivas (redes, computador, celular), vem criando novas territorializações, como espacialização diferenciada (construção social no espaço) e, conseqüentemente, novos sentidos de lugar (LEMOS, 2009, p.30).

Novos sentidos de lugar que podem ser tanto uma comunidade virtual, como um blog onde telespectadores se reúnem para conversar com o personagem da ficção que acompanham. Essa estratégia transmidiática do polo produtor de usar mídias móveis digitais é suficiente para “(...) amplia[r] as possibilidades de consumir, produzir e distribuir informação, fazendo com que esta se exerça e ganhe força a partir da mobilidade física” (LEMOS, 2009, p.30). O blog *Sonhos de Luciana* marca a extensibilidade da narrativa ficcional e, ao mesmo tempo, a acessibilidade de parcela audiência às novas tecnologias de comunicação móveis.

Sonhos de Luciana: entre o debate público e o privado

Como narrativa complementar à trama da telenovela, o blog *Sonhos de Luciana* concentra-se no assunto da superação de uma jovem cadeirante. Nas palavras da personagem Luciana em seu perfil no blog:

Sempre tive o hábito de cultivar diários. Passava horas do meu dia narrando minhas aventuras, romances, sonhos... De um tempo para cá, minha vida mudou inteiramente, sem chance de marcha ré. Sou Luciana Saldanha Ribeiro, carioca, modelo e... cadeirante. Confesso

que tenho dificuldade em me autodefinir dessa forma, mas fiquei tetraplégica há alguns meses, depois de sofrer um acidente de ônibus numa viagem internacional. Não pretendo fazer desse diário virtual um espaço de lamentação. Quero apenas poder mostrar minha nova forma de encarar a vida, dividir experiências, confissões e sonhos. Aliás, o nome “Sonhos de Luciana” foi ideia da minha irmã Mia, que me ajudará nessa viagem que começa agora. Qual será, afinal, o meu destino nessa história?

Com base nas teorias de Aristóteles para a construção de um bom personagem de ficção, Pallottini diz que para um personagem ser conveniente e verossimilhante, o autor deve buscar um ponto de equilíbrio entre o teatro (ou a ficção televisiva) e a realidade:

O espectador sabe que, ao ir ao teatro, não poderá lá encontrar a pura verdade, o natural total; sabe, desde sempre, que vai ao teatro para encontrar uma ilusão, um fingimento, um faz-de-conta. Mas precisa de pontos de contato com o real, que lhe deem apoio necessário, os elementos de ligação com o mundo em que vive, e que é o seu mundo conhecido (1989, p.21)

É essa ligação com o mundo real que a televisão brasileira tem buscado a fim de seduzir a audiência. Os personagens não são apenas bons e convincentes na trama televisiva, mas também no ciberespaço. Os personagens passam a existir em diferentes plataformas, e por que não dizer que criaram vida? Essa postura é vista, por Lopes et al. (2009, p.395) como uma “(...) necessidade de envolver o espectador por meio de conexões com as mais variadas mídias, numa tentativa de seduzi-lo à interação com a trama em múltiplas condições”. O perfil de Luciana aponta essa tentativa: a personagem conversa com os telespectadores/internautas em tom confidencial e as respostas, como apresentadas a seguir, seguem o mesmo estilo construindo um diálogo “real” entre os polos de produção e recepção da telenovela.

Ainda podemos identificar a inserção do merchandising social não apenas na trama televisiva, mas também no perfil de Luciana no blog. Tomando a telenovela como recurso comunicativo (Lopes, 2009) entendemos que “(...) instituições culturais e redes de formação de opinião pública têm sido elementos importantes para moldar o desenvolvimento da esfera pública (...). E, claro, como John Thompson (2000) defendia, a mídia se tornou a maior componente da esfera pública na sociedade industrial” (CASTELLS, 2008, p.79). É nesse sentido que a telenovela possibilita a geração de conversas e debates em torno de temas apontados pela trama, no caso de *Viver a Vida* a

tetraplegia com questões especificamente relacionadas à mobilidade e qualidade de vida de cadeirantes.

Sob a perspectiva de Castells (2008, p.78), quando questões coletivas são postas em discussão, adentramos na esfera pública, um espaço entre o estado e a sociedade no qual as pessoas se reúnem como cidadãos para articular suas questões. Nesse sentido, um único produto midiático é capaz de dar forma à esfera pública por três vieses: um deles diz respeito à telenovela como um produto da mídia, principal componente da esfera pública. Outro aspecto se refere à inserção de merchandising social na trama que fomenta, direta ou indiretamente, a discussão de temáticas sociais. E ainda levantamos o fato de a telenovela criar laços com a audiência capaz de formar grupos que representam papel importante na formação da esfera pública.

Ao levantar o ponto da sociedade em rede, Castells nos ampara teoricamente para a acepção do blog *Sonhos de Luciana* como espaço social e esfera pública. Diz o autor: “(...) se as comunicações em rede, de quaisquer tipos, formam a esfera pública, então, nossa sociedade, a sociedade em rede (...), organiza sua esfera pública mais do que qualquer outra forma de organização histórica” (2008, p.79). Mais adiante, Castells declara a esfera pública como não apenas um espaço social de interação pública, mas como um repositório cultural e informacional que alimenta o debate público (2008, p.79). É nesse sentido que entendemos a telenovela como recurso comunicativo e narrativa de nação. Mais especificamente, o blog *Sonhos de Luciana* também se coloca como repositório de conversações e ideias que não alimenta apenas o debate público, mas a narrativa da telenovela - mesmo que de maneira informal e emocionalmente ligada ao público.

Partindo da esfera pública, chegamos à esfera privada. Para adentrarmos no assunto, o post intitulado “Preconceito é triste e antiquado” publicado em 10 de abril de 2010 no blog *Sonhos de Luciana* servirá como amparo para nossa reflexão teórica.

Estou tão desanimada hoje... Recebi uma visita inesperada que acabou com meu bom humor. Minha sogra, Ingrid, apareceu aqui em casa para conversar comigo. (...)

Aos poucos, com o decorrer da conversa, fui percebendo certa crueldade por parte da Ingrid. Preconceito mesmo, sabe? Aquilo foi me consumindo de um jeito que vocês não imaginam! Minha vontade era voar no pescoço dela. (...) O que é que há? Ela vem até a minha casa, sem ser convidada, para se intrometer na minha vida? Falar sobre minha vida sexual com o filho dela? Sobre a possibilidade ou não do Miguel ter filhos comigo? A Ingrid pirou de vez! Só pode ser!

Foi o que disse aqui outro dia: as pessoas acham que quem está em uma cadeira de rodas não tem vida sexual, não pode dar, nem receber prazer. A Ingrid, infelizmente, é a representação viva de muita gente por aí. Pessoas preconceituosas, que, se pudessem, nos colocavam em um lugar bem distante, para não correrem o risco de esbarrar na rua. O mais triste dessa história toda é imaginar como será minha convivência com ela daqui pra frente. (...) Preconceito é triste e antiquado demais. (...)

Castells em sua análise dos poderes políticos nacionais, conclui que a falta de habilidade dos sistemas de poderes para lidar com problemas globais exige o surgimento de uma sociedade civil global. Nas palavras do autor, “a crise da esfera pública nacional torna a emergência de uma esfera pública internacional, particularmente, relevante” (CASTELLS, 2008, p.80). Essa crise de legitimidade pede por novas configurações de poderes, novos formadores de opinião. Castells assinala que em todo país, com especial ênfase à América Latina, há ocorrências de sociedades civis locais, ou ainda, e mais especificamente, de atores munidos da função de defender os interesses locais.

A telenovela, nesse sentido, toma esse papel de ator social – formadora de opinião – não no sentido de impregnar noções, mas de colocar em pauta discussões, e sobretudo, organizar grupos para que suas vozes sejam ouvidas. Em *Viver a Vida*, a personagem Luciana apresenta-se como formadora de opinião, apesar de não ser ativista, pois vive o preconceito e as dificuldades de um cadeirante no país. Ao compartilhar sua história em um blog, Luciana reúne pessoas que se solidarizam com a causa ou simpatizam com a personagem, mas também cadeirantes, deficientes físicos e outros indivíduos atingidos de alguma forma pela problemática levantada. Castells diria que “esse é o movimento da opinião pública, construído por turbulências de informações em um sistema de mídias diversificado, e por emergências espontâneas, mobilizações ad hoc baseadas em redes de comunicação horizontais e autônomas” (2008, p.86).

Sonhos de Luciana configura-se, portanto, como espaço de socialização e de movimentação da opinião pública. Diferente de outros blogs sobre o mesmo tema espalhados pelo ciberespaço, a história de Luciana está atrelada à narrativa de um produto da mídia com inquestionável inserção na vida social do país, portanto, sob bons ou maus olhos, legitimado como recurso comunicativo.

O post supracitado, “Preconceito é triste e antiquado”, gerou 436 comentários da audiência/telespectadores no blog *Sonhos de Luciana*. Entre os textos disponíveis, selecionamos alguns para ilustrar nossa reflexão⁹:

Comentário 406: luciana sou tamires abreu da bahia (...) minha linda nao se deixe levar pelo preconceito nao sou uma cadeirante mas sei oque sentir na pele ser regeitada ser uma menina tratada diferente pelas outras so porque sou gorda muitos me criticam ,descriminam acham que sao dono do mundo mas o melhor de tudo e que somos feliz por ter familias maravilhosas ,amigos verdadeiros (...) muito obrigado um grande beijo

Comentário 410: (...) Me chamo Lorena, e tenho 13 anos. Eu tenho Leucemia Miéloide Aguda, faço quimioterapia a 1 ano e 9 meses, felizmente já estou acabando o tratamento, pois sofri muito, e sei como é o preconceito também, (...) Bom, eu passei por muitas coisas ruins, mas, mesmo assim, não desanimei, segui em frente e hoje eu enfrento a quimioterapia que se fosse ir pro colégio! Te adooooo muitooo Lú! Beijooos...

Comentário 414: Lú, vc nos mostra o quanto é guerreira.... continue assim!! (...) Infelizmente, nesse mundo existe preconceito!!! Eu mesma sinto na pele no dia a dia!!! Sou deficiente auditiva desde de nascença. Não sei falar libras (linguagem das mãos), falo direitinho. E tem gente que acha que falar com surdos é o como falar com retardados... Isso me chateia!!! Já cheguei até ser impedida de fazer vestibular por causa do meu aparelho, achando que seria um trote... Infelizmente, esse mundo não é civilizado para receber os deficientes... (...)

Os comentários da audiência nos revelam que tomar o blog *Sonhos de Luciana* como esfera pública, ou minimamente, como espaço de discussão de questões sociais é condizente com o tipo de interlocução da audiência, dos internautas, com os textos da personagem e, mais ainda, com sua história narrada pela ficção da telenovela. Quando lemos diferentes comentários de pessoas portadoras de deficiências físicas no blog, podemos constatar que, seguindo a linha de análise proposta por Castells (2008, p.84), os grupos mais diversos como os grupos religiosos, movimentos estudantis, e mesmo organizações criminosas, se organizam para que suas vozes sejam ouvidas e para afirmar sua identidade. Luciana, apesar de ser um personagem fictício, assume esse papel de agregadora.

Obviamente, não é toda a parcela da audiência que chega até o blog, até essa extensão da narrativa televisiva. Poderíamos levantar as problemáticas da faixa etária, do acesso à internet, sabendo que “nem todo mundo está globalizado: as redes conectam e desconectam ao mesmo tempo” (CASTELLS, 2008, p.81). Talvez a grande vantagem

⁹ Os comentários estão transcritos literalmente, à maneira que foram deixados pelos internautas no blog. O sinal (...) representa supressão de conteúdo feita apenas para otimização do espaço. Comentários coletados em 07 de dezembro de 2011.

da *transmedia storytelling* nesse sentido seja o balanço que há nessa desconexão: a parcela da audiência que não está conectada, que não acessa o blog *Sonhos de Luciana*, não perde a narrativa. A discussão social não se restringe ao ciberespaço, mas transborda para ele, encontra no ciberespaço um apoio para a proliferação de seu relato. Portanto, a despeito de outros produtos, ou espaços de discussão, pensados exclusivamente para o ciberespaço, a *transmedia storytelling* permite que a narrativa principal não se perca e seja o original sustento de todas as outras.

Constata-se, ainda, que o blog *Sonhos de Luciana* agenda questões de cunho social, mas não de maneira política, e sim emocional. Há, por parte dos internautas, um tipo de ligação com a personagem quase que de confiança e amizade, expressa por palavras de apoio e incentivo. Entre os comentários listados há um discurso comum: o discurso do envolvimento. Em *Sonhos de Luciana* os internautas estão envolvidos emocionalmente com a personagem e sua história. Assim, as marcas de cordialidade são notórias, bem como as de intimidade como o uso do apelido “Lú” nos comentários. Ainda, o relacionamento com a personagem se assemelha com uma amizade real: os telespectadores acolhem a personagem após o dia de chateação, dão conselhos, posicionam-se ao lado de Luciana em detrimento da sogra Ingrid e desejam felicidade à “amiga”. Essa relação de amizade, finda em confidências por parte dos internautas, como nos comentários que seguem:

Comentário 292: Oi Lu, meu nome é Rafaela tenho 22 anos e moro em Santa Catarina. Tenho uma deficiência física e assim como vc, também estou em uma cadeira de rodas... Achei um absurdo o preconceito de sua sogra Ingrid, já namorei algumas vezes e sempre fui muito bem tratada por minhas ex-sogra, se houve alguma que não gostava de mim nunca fiquei sabendo. Sempre fui tratada com muito carinho e respeito por elas, talvez porque elas percebiam a guerreira que eu sou... (...)

Comentário 341: Olá !!!! lu !!!! Bem, queria te contar algo sobre mim, primeiramente, sou deficiente física, cadeirante, há 35 anos (tive poliomielite com 3 meses de idades e nunca soube o que era andar); Minha adolescência foi a parte mais difícil achar que todos podiam sair se divertir e eu não!!! Mas superei, minha mãe veio a falecer quando tinha apenas 16 anos e novamente a vida me deu uma pausa, foi quando me aproximei do meu marido, (...) começamos então a namorar e sofrer um preconceito e falta de informação por parte da família dele. (...) Hoje nossa relação sexual é ótima, tenho 2 filhos lindos !!!!!!! Só queria te dizer, que onde há amor tudo fica fácil, você vai conseguir com o Miguel, assim como consegui com meu Alexandre!!!!!! Força muitos beijos.

Nesse momento questionamos: o que é considerado privado na era da cibercultura? Nos comentários, as internautas relatam sobre seus problemas de saúde

(deficiência auditiva, Leucemia Miéloide Aguda, deficiência física, problemas com peso), em posição de resposta à restrição também vivida pela personagem. Apesar de a deficiência física ser um tema delicado, nesse local virtual de partilha, o diálogo sobre o assunto flui naturalmente. Essa constatação em nada diverge do que ensaiamos até então sobre o blog *Sonhos de Luciana* como um espaço social. No entanto, os últimos dois comentários, expõem a vida íntima das internautas relatada com naturalidade para leitores desconhecidos e para um interlocutor inatingível: uma personagem fictícia.

Os levantamentos possíveis referem-se à transparência com a qual lidamos com os espaços de socialização na internet. O que pode ser exposto? O que deve ser guardado para a vida privada? Os autores da complexidade colocariam a relação público-privado em outra categoria dicotômica regente de nosso tempo, caracterizada pela fluidez, pela indeterminação. Lévy (2010, p. 13), no mesmo eixo paradigmático, ao conceituar sobre a ciberdemocracia afirma que vivemos um apagamento da distinção público-privado e que talvez esse seja “um dos aspectos mais desconcertantes da nova situação da comunicação no ciberespaço”, ou seja, a erosão da esfera privada. Poder expressar a opinião sem crivo de intermediários é base constituinte do que Lévy idealiza como a ciberdemocracia, noção que tangencia os limites da privacidade. Expressar opinião sem filtros é expor a esfera da vida privada? Ou apenas fazer parte mais efetivamente da esfera pública, ter voz?

Por outro lado, da mesma maneira que Pierre Lévy conceitua sobre a inteligência coletiva constituída não por informações secretas ou saberes ocultos, mas pelo compartilhamento, poderíamos pensar também em uma partilha emocional e afetiva legítima no ciberespaço. Nas palavras do autor,

(...) os pensamentos e as emoções, virtuais, [são] impossíveis de localizar, efêmeros. E estes, por sua vez, emergem do espaço mais virtual de todos: a consciência, uma consciência absolutamente inapreensível, que está sempre aqui, agora, sem ser de nenhum aqui e de nenhum agora (2001, p.138).

A palavra de ordem é “mostrar-se”. No caso especial do espaço de *Sonhos de Luciana*, vemos um mostrar-se transvestido de questões sociais, de indignação. Tomando os comentários da audiência no blog *Sonhos de Luciana* podemos ensaiar a eclosão de uma esfera pública bastante difusa no ciberespaço, quase que atrelada indissolúvelmente à esfera privada.

Algumas considerações

O presente trabalho se propôs a refletir sobre o espaço público e privado no ciberespaço. A opção pelo blog *Sonhos de Luciana* foi feita devido ao caráter social da telenovela de origem do blog – *Viver a Vida* – e pela história de superação da personagem cadeirante, compartilhada em seu diário virtual. Apesar da inserção de comentários dos internautas e de postagens da personagem ao longo do texto, o presente trabalho não constitui-se como um projeto de análise das conversações estabelecidas no blog, mas como um ensaio teórico-reflexivo atentado aos autores que tangenciam o tema da privacidade na internet.

As conclusões sobre o assunto ainda são incipientes. Assim como o próprio ciberespaço, fluido e sem limites definidos, delimitar as barreiras do que é privado e do que é público no ambiente virtual pode ser precipitado. Particularmente, em *Sonhos de Luciana* demarcar os tópicos referentes à esfera pública e àqueles relativos à esfera privada ainda é mais problemático. Apesar da aceitação da telenovela como recurso comunicativo, capaz de moldar a esfera pública nacional, o blog é sustentado por características de um diário, confessional, emotivo que mescla questões de cunho social com a vida de uma personagem. O que acaba colocando em xeque o delineamento das questões discutíveis na esfera pública social e outras discutidas no âmbito da “amizade”, da partilha de experiências entre a personagem e a audiência.

É notável que as transformações no que se refere à mobilidade, à fluidez da narrativa e à construção de espaços de socialização no ciberespaço são fatos, hoje, consolidados e base do surgimento de uma chamada esfera pública na internet. No entanto, esses processos estão atrelados a um processo de identificação e de afirmação de identidades, questões que esbarram na vida íntima e privada dos internautas. Nesse sentido, as digressões teóricas aqui elucidadas servem como ensaio para compreender de que privacidade estamos falando quando nos colocamos no ciberespaço. E nesse mesmo espaço virtual, como se configura a esfera pública, como a discussão política e social está ligada às inserções subjetivas dos internautas?

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. Social Sphere and Symbolic Power. *Sociological Theory*, American Sociological Association, v. 7, n. 1, p.14-25, 1989.

CASTELLS, M. The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks, and Global Governance. *The Annals Of The American Academy Of Political And Social Science*, The American Academy Of Political And Social Science, v. 616, n. 1, p.78-93, mar. 2008.

DENNIS, K. Time in the Age of Complexity. *Time&society*, Sage Journals Online (los Angeles, London, New Dehi And Singapore), v. 16, n. 2/3, p.139-155, 2007.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 3º Ed., 2007.

LEMOS, A. Cultura da Mobilidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 40, p.28-35, dez. 2009.

LÉVY, P. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: 34, 2001.

LÉVY, P. A Mutação Inacabada da Esfera Pública (Prefácio a edição brasileira). In. LEMOS, A.; LÉVY, P. *O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LOPES, M.I.V.; BREDARIOLI, C.; ALVES, C.G.; FREIRE, D.. Transmediaç o, plataformas múltiplas, colaboratividade e criatividade na ficção televisiva brasileira. In.: LOPES, M.I.V. (org.). *Ficção Televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. São Paulo: Globo, 2009.

LOPES, M.I.V. Telenovela como recurso comunicativo. *MATRIZES*, São Paulo, 3, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/79>>. Acesso em: 21 Jul. 2011.

MÉDOLA, A., REDONDO, L.. Interatividade e pervasividade na produção da ficção televisiva brasileira no mercado digital. *MATRIZES*, São Paulo, 3, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/89>>. Acesso em: 19 Jul. 2011.

PALLOTTINI, R. *Dramaturgia: Constru o do personagem*. São Paulo:  tica, 1989.

SCOLARI, C.A. A constru o de mundos possíveis se tornou um processo coletivo. *MATRIZES*, São Paulo, ano 4, n 2, jan/jun. 2011. (Entrevista por Maria Cristina Mungiol ).